

## **Belo Horizonte e o piloto navalha**

Tio Almir, amigo irmão de Seu Ivan, ainda meu futuro sogro, organizou um passeio para Belo Horizonte, na semana santa de 1971, onde ficaríamos hospedados na casa de sua irmã. Embora Seu Ivan já tivesse tirado a sua carteira de motorista, eu fiquei com o encargo de dirigir até Belo Horizonte. Tio Almir tinha um defeito na perna e pela legislação brasileira ele podia importar um carro hidramático que na época não era fabricado no Brasil. O seu carro era um Chevrolet Bel Air enorme, popularmente conhecido como “banheira”. No seu carro ia Suely, irmã da Sandrinha e Fred, o seu noivo e futuro marido, mais conhecido como Fred Boquinha. Eu, Sandrinha, Seu Ivan e Dona Clea, respectivamente, sogro e sogra, aliás, futuros sogros, íamos na Variant que eu dirigia. Por último, fechando a fila ia Ruizinho, filho de Tio Almir, no seu próprio carro, com Betinha, então sua namorada e Waldir, um amigo meio maluco de Tio Almir, como também doido já era Tio Almir.

Dessa viagem ficaram algumas poucas lembranças, como Tio Almir subindo na mesa do bar cheio em Belo Horizonte para fazer um discurso, do tamanho gigantesco da minha batida de limão que durou a noite toda, e da sauna do Minas Tênis Clube, que nos deixou a todos impressionados pela qualidade. Na casa da irmã de Tio Almir, os homens ocuparam um quarto e as mulheres ficaram em outro, logo não deu para repetirmos, eu e Sandrinha, o que havíamos feito em Arcozelo, a cidade que não existe.

Na volta, não sei por que Seu Ivan resolveu voltar dirigindo. Não sei também porque ele resolveu entrar na estrada a 120 quilômetros por hora. O pior aconteceu num cruzamento, onde a estrada se separava em duas, e ele, talvez por pouca experiência de estrada, resolveu entrar na pista da esquerda, ou seja, na contramão, voando naquela velocidade citada. Eu como futuro genro, não podia falar nada, mas engoli em seco, e talvez tenha começado a rezar, pois já previa fortes emoções pelo resto da viagem. Anos depois, por outros motivos, eu coloquei o apelido nele de Ivanzinho, o “flecha”. Para a nossa sorte, Tio Almir vinha logo atrás e percebeu a navalhada. Começou a piscar o farol, pedindo que Seu Ivan encostasse. Quando isso ocorreu, ele tirou a chave do carro da mão do meu futuro sogro, e passou para mim, o constrangido futuro genro, a responsabilidade por conduzir o carro até Niterói.



Eu e Sandrinha na Lagoa da Pampulha em Belo Horizonte (que cabelo é esse?)

Eu voltei a Belo Horizonte diversas vezes na minha vida, porém nunca mais voltei a passeio. Todas as vezes que por lá estive foram a trabalho, embora, que eu me lembre, uma vez aproveitei, com Sandrinha, que para lá foi depois, para alugarmos um carro e irmos para Ouro Preto, mas isso certamente será outra história, que também será contata adiante.